

REDACTOR

PADRE JOSÉ MARTINS PEIXOTO

ASSIGNATURA

PORTUGAL

Por anno..... 16500 réis

Numero avulso..... 40 »

ESTRANGEIRO

Por anno o equivalente á assignatura em Portugal, acrescentando o porte do correio.



COLLABORADORES

Entre outros, os Exc.^{mos} Srs.:

Dr. Manoel d'Albuquerque

Dr. João Nunes da Costa

Dr. Joaquim Domingues Mariz

Dr. Antonio Jose da Silva Corrêa Simões

Dr. Pedro Gonçalves Sanches

Dr. Antonio Brandão Pereira



O AMIGO DA RELIGIÃO

ANNUNCIOS

Por linha..... 40 reis
 Repetição..... 20 »
 Os srs. assignantes tem 20 % de abajamento

BRAGA, 3 de Abril de 1891

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Collegio de S. Luiz Gonzaga

BRAGA

PUBLICA-SE AS SEXTAS-FEIRAS

PORTARIA

Atendendo ao que Nos representaram os Redactores do **Amigo da Religião**, periodico que se projecta publicar n'esta Cidade de Braga e cujo programma Nos foi presente, pedindo-Nos não só licença para a sua publicação, mas uma recommendação especial, e ainda auctorisação para serem consideradas authenticas as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras providencias e medidas que tenhamos de adoptar no governo d'esta Archidiocese Primacial, e forem ali publicadas;

Esperando Nos que tal publicação se manterá fiel aos bons principios apresentados no seu programma; e

Considerando que a sua leitura será portanto muito proveitosa, em razão da sua indole e fins, altamente religiosos e civilisadores, e que quaesquer Pastoraes, Provisões, Portarias e mais providencias que hajamos de tomar e publicar no exercicio do Nosso munus pastoral mais prompta, e facilmente chegarão, como convenientissimo, ao conhecimento d'aquelles a quem directa ou indirectamente respeitam e interessam;

Havemos por bem não só conceder-lhes a pedida licença, para que se publique o projectado **Amigo da Religião**; mas recomendar a sua leitura aos Nossos muito amados Filhos espirituaes, particularmente aos Rev.^{os} Parochos e Clero, e ordenar que todos os documentos que, sendo por Nós assignados, e forem n'elle publicados por ordem Nossa, sejam tidos e havidos por officiaes, verdadeiros e authenticos, para todos os effeitos, devendo esta Nossa Portaria, depois de registada na Nossa secretaria particular, ser publicada no mesmo **Amigo da Religião** desde o seu primeiro numero.

Pago de Braga, aos 28 de Junho de 1888.

A., ARCEBISPO PRIMAZ.

Registada no livro competente.

Mr. Figueiredo Campos.

LITURGIA

Dia 5 de abril, domingo 1.^a depois da Paschoa.

EVANGELHO

Eis o que se contem no evangelho d'este dia. No domingo sendo já tarde e estando fechadas as portas da casa onde, com o medo dos judeus, se tinham reunido os discipulos, appareceu Jesus no meio d'elles e disse-lhes:

Paz seja convosco; e mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discipulos ficaram muito alegres por verem o Senhor, que dizendo de novo que a paz fosse com elles declarou que os enviava como o Pai o tinha enviado.

Depois soprando sobre elles disse que recebessem o Espirito Santo e que seriam perdoados os peccados a quem elles os perdoassem e seriam retidos áquelles a quem os retivessem.

Quando, porem, Jesus appareceu aos discipulos um d'elles não estava presente, era Thomé. Os outros depois referiram-lhe que tinham visto o Senhor; Thomé observou que não acreditava se não depois de ter visto o signal dos cravos e mettido a mão no lado de Jesus.

Pelo referido no evangelho da domingo da Resurreição ve-se que Jesus havia resuscitado quando as mulheres piedosas chegaram ao sepulchro para ungirem o corpo de Jesus e que n'esse mesmo dia no caminho de Emmaús apparecera o Divino Mestre a dous discipulos na figura d'um peregrino.

Foi n'este mesmo dia á noute que se deu a primeira appareição de que falla o evangelho da domingo *in albis* e chamada vulgarmente domingo de Paschoela.

A casa em que os discipulos se achavam congregados suppõe-se ordinariamente que era o cenaculo. Foi n'esse logar onde Jesus appareceu no meio dos discipulos estando as portas fechadas conforme refere o texto sagrado.

Entrando na casa com as portas fechadas, Jesus mostra o seu poder e evidencia-se o facto prodigioso. As pessoas reunidas na casa não eram só os apóstolos, eram ainda outros discipulos do Senhor. Jesus não só appareceu, mas até exhibiu as mãos com os indicios de serem varadas pelos cravos e o peito alanceado; assim convinha que fosse para que não restasse duvida sobre ser realmente Jesus, que fóra crucificado, quem alli apparecia e com o mesmo corpo com que soffrera.

Mui naturalmente os discipulos a principio atemorizaram-se, mas esse temor volveu-se logo em alegria e contentamento ao convencerem-se

de que a visão que se lhes offercia era a de Jesus verdadeiramente resuscitado. Porisso diz o evangelho que os discipulos se alegraram vendo o Senhor.

O Senhor soprou sobre os apóstolos e deu-lhes o poder de remittir peccados no sacramento da Penitencia, d'onde intere S. Cypriano que este poder de perdoar peccados existe sómente na egreja catholica.

Quando Jesus appareceu pela primeira vez no dia da resurreição Thomé não estava presente; apparecendo oito dias depois encontrou aquelle apóstolo, passando-se entre os dous o que narra o evangelho d'esta domingo.

Appareceu Jesus a Thomé oito dias depois do dia da resurreição para o convencer de que tinha resuscitado e que o corpo com que se apresentava não era phantastico mas real e o mesmo que possuia antes da sua morte e resurreição.

Dia 12 de abril, domingo 2.^a depois da Paschoa. S. Victor M. côr vermelha.

EVANGELHO

No primeiro evangelho da missa Jesus Christo compara-se a uma vide, o Pae celestial a um agricultor, os discipulos a ramos da vide e com esta comparação que faz de si com a vide e dos discipulos com os ramos, declara a necessidade que o homem tem de viver unido com Jesus Christo pela fé e pelo amor.

Assim como os ramos da vide para se conservar e desenvolver têm necessidade de estar unidos com ella, assim tambem os discipulos necessitam de viver unidos com o Divino Mestre.

O agricultor da vide é o Eterno Pae. O agricultor corta os ramos inuteis, que não dão fructo e conserva os outros limpando-os de tudo o que possa prejudical-os.

Assim fará o Eterno Pae aos fieis. Os que vivendo unidos a Christo pela fé não produzirem fructo de boas obras terão a sorte dos ramos da vide que não produzem; ao contrario os fieis que derem fructos de boas obras, serão conservados e cultivados a fim de produzirem fructos mais abundantes.

Deus auxilia os homens na pratica do bem e da virtude exercitando-os pela tentação e tribulações e dando-lhes a graça para seguirem no bom caminho.

O homem carece do auxilio da graça interi^{or} para praticar obras de salvação. Porisso diz Jesus Christo que assim como o ramo não é capaz de produzir fructo por si mesmo, assim os discipulos se não estiverem unidos com Christo.

Quem não viver unido com Jesus Christo será lançado fóra e seccara á maneira do ramo que é separado da vide e lançado no fogo. E' o horrendo castigo que depois da morte espera o homem que viveu separado de Deus.

Jesus Christo fallando com os phariseus diz que é o bom pastor e que este dá a vida pelas suas ovelhas. O mercenario, porem, que não é pastor e não tem ovelhas proprias, se vê chegar o lobo, deixa as ovelhas e foge, e o lobo arrebatadas e fal-as dispersar.

O mercenario foge porque não se importa das ovelhas.

Jesus é o bom pastor conhecendo as suas ovelhas bem como estas o conhecem a Elle.

Assim como o Pae o conhece a Elle assim Elle conhece o Pae e dá a vida pelas suas ovelhas. Declara que tem outras ovelhas que não são d'aquelle redil, convindo-lhe trazel-as, as quaes ouvirão a voz d'Elle e assim haverá um só redil e um só pastor.

ULTIMO EVANGELHO

Jesus faz o confronto do Bom Pastor com o mercenario e assignala as differenças que existem entre um e outro.

Fallando aos phariseus que eram seus inimigos dá a entender que eram falsos pastores em Israel, mercenarios dominados pela ambição e não pelo amor da felicidade do rebanho.

Elle, porem, era verdadeiro pastor, o pastor por excellencia que dedicava tanto amor ás suas ovelhas que até chegava ao extremo de dar a vida por ellas.

O pastor mercenario não apascenta as ovelhas senão movido pelo interesse e com os olhos no lucro que pode auferir do seu officio. Eis a razão porque no momento do perigo elle, que antepõe os seus interesses ao interesse das ovelhas, foge e abandona-as ao lobo.

O lobo a que Jesus allude é qualquer perigo ameaçador do rebanho.

Aquelle que não é pastor mercenario assiste ao lado das suas ovelhas ainda na occasião do maior perigo e até com sacrificio da propria vida.

Foi o que Jesus Christo fez, morrendo pelas suas ovelhas.

Jesus diz que tinha outras ovelhas não pertencentes ao redil de Israel. Assim mostra que a conversão e redempção não se limitariam sómente a Israel, mas comprehenderiam tambem os gentios. Estas ovelhas da gentilidade ouviram a palavra de Jesus por intermedio dos apóstolos.

Das ovelhas de Israel e das da gentilidade que ouvissem a voz do Bom Pastor formar-se-hia um só redil governado por um só pastor.

Se Jesus é bom pastor como tal o devemos reconhecer, alegrando-nos por fazermos parte do seu rebanho. Tanto nos amou que deu a vida por nós: devemos procurar corresponder ao seu amor, observando a sua lei, seguindo-lhe o exemplo, confiando em que está disposto a auxiliar-nos e invocando-o em as nossas necessidades.

Devemos receber de boa vontade o pasto espiritual que nos ministra e nunca abandonar o seu rebanho que é onde se encontra a verdadeira felicidade.

A maneira das ovelhas que consentem em ser despojadas da lã em beneficio do pastor tambem o homem tem obrigação de se despojar de tudo o que Deus exige para conciliar o seu agrado e merecer a recompensa promettida.

A TRAGEDIA SANGUINOLENTA

DO

HOMEM DO CALVARIO

Ha dezenove seculos realisou-se em Jerusalem um facto que parecia bem longe de merecer as honras devidas áquelles rememoraveis acontecimentos que passam sempre da profunda commoção dos povos para as relações da historia e muitas vezes sobem das relações da historia ás religiosas solemnidades d'um culto.

Uns tantos homens, á hora em que os ultimos fumos do crepusculo da tarde cedem já ás primeiras trevas da noite, despregaram d'uma cruz o cadaver d'um justicado, ungiram-n'o de perfumes, cingiram-lhe uma mortalha, alevantaram-n'o nos braços musculosos e levaram-n'o d'alli, pelas agras asperidades d'uma encosta e por entre as melancolicas oliveiras d'um valle adjacente, até á espalda da collina fronteira. Chegaram e depozeram-n'o lá.

Ao clarão da lua, que subisse lentamente no horisonte, seria facil distinguir então estas quatro cousas, naturaes, vulgarissimas: perto da bronca elevação d'uma rocha, que sombreava as claras ondulações d'aquelle terreno, o corpo d'um pobre morto cingido nas dobras do seu lençol; a curta distancia, a custosa remoção d'uma pedra sepulchral a esforço d'alguns homens; um pouco adiante, o pequeno grupo d'algumas mulheres que soluçavam e gemiam; e mais além, no alto d'um monte dominando tudo, os braços nús d'uma cruz solitaria, viuva do miserô a que se tinha unido nos monstruosos esponsaes da morte legal. Depois o cadaver passou ás sombras da sua gruta funecaria, a pedra rodou para o seu destino, e... mais nada.

As correntes murmuravam ao longe a eterna canção monotona do movimento das aguas; as usuas vaporações da combustão nocturna fumavam ainda da cidade disposta a reparar n'um somno placido as forças gastas na fatigante labutação do dia; e a noite começava a dar-se despreoccupada e livre, á celebração dos seus mysterios.

Em tudo isto não ha nada de extraordinario. O patibulo existiu sempre afóra de portas d'uma povoação importante como expiação e monumento dos seus crimes; a caridade tem supprido vezes sem conta a penuria dos que não pódem ter o insensato luxo d'uma mortalha nos desconfortos da valla commum; e sepulturas razas ou custosos mausoleus de marmore, mais ou menos lagrimas de saudade por um morto, maior ou menor luzimento nos prestitos funebres, perfumes exquisitos da Arabia, balsamos preciosos, áloes e myrrha, ou, para a unção d'um cadaver, os orvalhos que ficaram de tábida execução da agonia — que significam senão as desigualdades da fortuna, os cambiantes da opinião, a riqueza dos que morrem ou o amor dos que lle sobrevivem? A terra que pisamos, não é uma vasta necropole, o enorme cemiterio das gerações extinetas?

Isto consummou-se ha dezenove seculos.

Lembras-te tu, ó cruz, d'aquelle condemnado que abraçaram contigo nos cimos pedregosos do Calvario? Tu vistel-o depois aos teus pés, apertado nas ligaduras da mortalha, as veias entumecidas por distensões violentas, os olhos vidrados pelo frio da morte, livido, horriavelmente decomposto? De noite arrebataram-no de lá. Na manhã

seguinte os teus braços suavam n'uma transpiração abundante. Eram gottas de orvalho ou lagrimas de saudade?

Perdoa. A minha interrogação é uma blasphemia.

O teu vulto carregou de ignominias o espaço mais sagrado de quantos é possível delimitar na terra, o espaço das sepulturas; os teus braços suspendenram da sua immobildade, e mataram cruelmente, milhões de desgraçados feridos pelas sentenças da vindicta humana, quando ainda estava immersa na noite da consciencia a verdadeira noção da justiça.

Agora, no Thabor da transfiguração humana, ingente montanha florida como as primaveras e luzente como o sol do estio, é que tu estendes os braços, ó cruz do meu Deus. Já nada tens com os tribunaes da terra; já não é tua moradia o Golgotha dos martyres humanos. O que vês, O que dominas, não são legiões de escravos arrastando-se forçados aos teus pés: são as gerações, resgatadas por Jesus que se te endereçam nas ondas da sua propria liberdade.

Dr. Antonio Candido.

CONGRESSO CATHOLICO

Estamos auctorisades para asseverar que, alem de muitos outros Prelados, honrará com a sua respeitavel presença, o Congresso que n'esta cidade vae inaugurar-se no proximo dia 6 do corrente, o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Manuel Correa de Bastos Pina, Bispo de Coimbra, Conde d'Arganil.

Tudo faz prevêr que o proximo Congresso Catholico da Provincia Ecclesiastica de Braga será em tudo digno d'esta Metropole e Cidade que se ufana do bem merecido titulo de *Roma portugueza*.

A PASCHOA

E' propriamente uma festa judaica, que celebra a passagem do anjo exterminador, que n'uma noite matou todos os primogenitos dos egypcios, poupando os dos hebreus, que jaziam sob o jugo do Pharaó.

Era uma das principaes solemnidades da egreja judaica.

A nossa Paschoa nada tem de commum com a dos judeus, e abaixo damos a razão de ser geralmente conhecida por tal nome a grandiosa e solemmissima commemoração da Resurreição do Salvador.

Jesus Christo, que, não obstante prégár a Lei Nova, não queria desobedecer á antiga, tambem celebrou a Paschoa com os apóstolos na ceia da vespera da sua Paixão e Morte, que aconteceu por occasião d'esta festa dos judeus, e por este motivo se solemnizava nos principios do christianismo ao mesmo tempo que a Paschoa judaica.

No segundo seculo já as egrejas do Oriente a celebravam em dia diverso da egreja romana.

Note-se, porém, que esta Paschoa das egrejas christãs não era a commemoração do mysterio que hoje festejamos no domingo immediato á Sexta-feira Santa, mas uma refeição (em memoria da ceia de Christo) em que comiam um cordeiro que tomava tambem o nome de Paschoa.

A Resurreição propriamente dita sempre foi celebrada no terceiro dia apoz o d'este banquete.

Como, porém, nem sempre succedia cair ao domingo, dia realmente em que o Homem-Deus resuscitou, e houvesse egrejas christãs que ainda estavam cobertas de lucto pela morte do Redemptor, quando outras, ás vezes visinhas, já vestiam galas pela sua resurreição, levantou-se disputa sobre o caso, á qual veio pôr termo o concilio de Nicéa em 325, ordenando que a Paschoa se celebrasse em toda a christandade no primeiro domingo depois do plenilunio posterior ao dia 20 de março; a qual determinação não só estabeleceu a uniformidade, como evitou para o futuro o encontro da festa paschal dos judeus com a dos christãos.

Com o correr dos tempos extinguiu-se entre estes o uso de comerem o cordeiro paschal, e desta cerimonia só hoje resta o nome—Paschoa pelo qual é mais conhecido o domingo da Resurreição de Christo.

Para determinar as festas chamadas *mudaveis* marca este dia o ponto de partida, e, pelo que deixamos dito, a sua fixação depende do calculo exacto das phases da lua.

O essencial está em saber os dias da lua cheia de março.

Se ella é anterior ao dia 20, ou n'este dia mesmo, não pôde o domingo seguinte ser o da

Paschoa; mas se ella é posterior áquelle dia, será então o immediato o domingo paschal.

A Paschoa não pôde ser nem antes de 22 de março, nem depois de 25 de abril.

Para que ella succeda no dia 22 de março, é indispensavel que o plenilunario seja a 21 e sabado esse dia.

Ora, se o plenilunio vem a 20 de março, como não pôde regular este para a festa em questão, temos de recorrer ao de abril, que virá a ser no dia 18; se este dia fôr domingo, só a 25 será a Paschoa.

Estes dois casos muito raro se dão.

O primeiro aconteceu n'este seculo em 1818; o segundo succedeu no anno de 1886 e só torna a succeder em 1943.

Actualmente é muito facil calcular o dia da Paschoa de qualquer anno pela «tabua de Doulambre», sabida que seja a lettra dominical e a epacta d'um anno determinado.

BOLETIM ECCLESIASTICO

CAMARA ECCLESIASTICA

CARTAS DE ENCOMMENDAÇÃO

Foram passadas, por um anno, as seguintes:

Em 18 de Março, para a freguezia de Jesufrei, ao revd.^o presbytero Antonio Luiz do Rego;

Em 23, para a freguezia de Ferreiro, ao revd.^o presbytero Antonio Gomes da Silva;

Em 24, para a freguezia de Athães ao revd.^o presbytero Francisco Ventura de Souza Marinho;

Idem, para a freguezia de Calvello ao revd.^o José Fiuza da Rocha;

Em 30, para a freguezia de Campeã, ao revd.^o presbytero Eduardo Antonio de Macedo;

Idem, para a freguezia de Villa Verde, ao revd.^o presbytero Severino Ferreira;

Em 31, para a freguezia de S. Claudio de Curvos, ao revd.^o presbytero Joaquim Gonçalves do Valle Souto;

Idem, para a freguezia de S. Silvestre da Ermida, ao revd.^o presbytero Francisco Antonio Alves;

Idem, para a freguezia de S. Thomé do Castello, ao revd.^o presbytero Lourenço de Freitas Borges;

Idem, para a freguezia de Extremo, ao revd.^o presbytero Manoel José Vieira Lima;

Idem, para a freguezia de S. João de Villa Boa, ao revd.^o presbytero Antonio Joaquim Pereira;

Idem, para a freguezia de Lamas e Figueiredo, ao revd.^o presbytero Francisco Domingues.

CARTAS DE CURA

Em 24 de Março, para a freguezia de Perelhal ao revd.^o presbytero Paulino José Fernandes Ribeiro.

NOTICIARIO

Semana Santa.—A sentimental unção religiosa que vivifica as almas dos crentes, no meio d'este tumultuar incessante de paixões em que vivemos, renovou-se este anno em Braga, vindo provar mais uma vez que nada faz pôr de parte os dogmas santos da egreja, quando ella nos faz avivar no espirito essa epopeia de dôr passada ha 19 seculos.

E' porque o christianismo, apesar dos vicios e das depravações que se antolham, ainda deante dos mais crentes, n'esta senda turtuosissima da vida, chegou até nós perfeitamente immaculado, impondo-se ao respeito e á veneração de todos os que comprehendem que não pode viver-se sem fé e sem religião.

Não esquecendo as tradições religiosas de que se orgulham, concorreram os bracarenses á Sé cathedral onde se celebraram com a costumada pompa os officios divinos da Paixão do Redemptor, aos quaes assistiu o illustre Prelado d'esta archidiocese, o sr. Arcebispo Primaz.

Novas dioceses.—Sua Santidade Leão XIII acaba de decidir a creação de tres novas dioceses nos Estados-Unidos do Brazil.

O Estado do Rio de Janeiro formará uma só diocese.

Anulação de sentenças.—Consta á Noite que o Supremo Tribunal de Guerra e Marinha annulará as sentenças pronunciadas contra os principaes implicados na revolta do Porto, por má interpretação de base criminal.

Arrolamento.—Por fallecimento da ultima freira do mosteiro de S. Bento, em Vianna do Castello, vae proceder-se ao arrolamento dos seus haveres e passa a ser propriedade do Estado.

A questão anglo-lusa.—Informou o «Correio da Noite»: Confirmam-se as boas noticias que ha dias tinham corrido relativamente á questão ingleza. Parece que lord Salisbury se acha mais desafogado para negociar connosco em condições favoraveis.

Até aqui via-se apertado pela côrte, que é protectora interessadissima da «South African», o pelas reclamações da colonia do Cabo. Desde, porem, que a «South African» se funda com a Companhia de Moçambique e lhe sejam assim satisfeitas as suas ambições de poder explorar os nossos jazigos auriferos, as rivalidades cessam e o pleito termina. Parece que é isto o que se vai fazer, constando mesmo que está já determinada a quota de cada uma das companhias e que o capital total será de 27 mil contos cabendo aos inglezes 13:500 contos, aos francezes 9 mil contos e a nós 4:500 contos.

—Soubemos depois ser absolutamente falsa a noticia do «Correio da Noite» sobre a junção das ditas Companhias.

E' exactamente o contrario, pois a Companhia de Moçambique tem uma acção pendente contra a Companhia ingleza.

Emigração para o Brazil.—O vapor «Tagus», que saiu no dia 29 do mez findo do porto de Leixões, levou 517 pessoas com destino ao Bra-

zil. Entre os emigrantes, havia creanças de poucos mezes, e alguns septuagenários.

Ao piloto da barra disse um dos emigrantes, homem de mais de 70 annos:

—Acompanho a minha filha e os meus netos. Somos, ao todo, onze pessoas de familia as que vamos para o Brazil. Vendeu-se tudo o que podia dar dinheiro, fechou-se a casa, e o governo que tome conta, se quizer.

Proezas dos ladrazes da «South African».—Pelo telegrapho receberam-se noticias de Manica, relativas a 28 de feveiro. Apesar das declarações peremptorias dos directores da «South African» e das promessas e ordens do governo britannico, os agentes d'aquella companhia continuavam alojados em Massikesse, nas proprias casas da Companhia Portugueza de Moçambique. Estavam-se fortificando e declaravam que só á força se retirariam d'aquella posição usurpada, onde parece que tinham concentrado o grosso da expedição a Machona.

Pela sua parte, a expedição portugueza a Lourenço Marques, formada por cerca de 300 europeus e 400 landins, proseguia na sua marcha em direcção a Massikesse. Havia chegado a Sarmento, e ahí se encontrara com o governador de Manica e o de Gouveia, com o capitão Roma Machado e com a gente de Manoel Antonio. No fim de feveiro estas forças estavam acabando de fortificar Sarmento, e iam seguir para oeste, sendo de presumir que estejam hoje perto de Massikesse.

A data das ultimas noticias da Beira, tinham lá desembarcado o commando da expedição que em 15 de janeiro partiu de Lisboa, parte do pessoal da administração e de saude, a força de engenharia e a secção de quartéis de infantaria n.º 1. Os engenheiros estavam tratando activamente de dispôr todas as cousas para que o grosso da expedição se internasse quanto antes, cuidando ao mesmo tempo de organizar o serviço telegraphico. Havia noticia de que o inglezes tentavam desembarcar no porto da Beira gente e armamento, e que estavam tomadas as providencias para obstar a este intento.

Cheia.—O Mondego leva uma grande enchente. Os vastos campos marginaes, de Coimbra até Montemor-o-Velho, estão alagados.

Silva Porto.—Principiou ante-hontem no Porto a decoração do templo da Lapa, para a cerimonia funebre em honra do grande sertanejo.

A familia de Silva Porto mandou celebrar hontem uma missa, na igreja do Carmo, em commemoração do primeiro anniversario da morte do seu illustre chefe.

As associações de soccorros resolveram contribuir para o brilhantismo d'esta homenagem patriótica a Silva Porto, observando o seguinte programma:

«1.º—As associações reunir-se-hão no local mais proximo d'aquelle onde a camara tenha de incorporar-se, devendo ir munidas das suas insignias, e collocar-se-hão na altura do prestito que pela camara fôr indicada.

2.º—Será deposta no tumulo de Silva Porto uma corôa de bronze, em nome das associações de soccorros do Porto, sendo a corôa conduzida n'um landau offerecido pela Associação dos Cocheiros.

3.º—As direcções assistirão aos responsos e depois de collocada a corôa seguirão incorporadas até á morada da familia de Silva Porto, afim de

lhe fazer entrega da acta que se lavrará e que deverá ser encerrada n'uma pasta de luxo».

Sabemos que quasi todos os collegios tomarão parte no cortejo civico.

Addiamento das camaras.—O ministerio resolveu addiar as côrtes e vae effectuar varias reformas, no intuito de reduzir as despezas.

Assim o dizem as «Novidades».

Parece que o addiamento se estenderá até 4 de maio, segundo dizem; não se sabe, porém, se isto terá fundamento, visto que o *modus vivendi* com a Inglaterra termina no dia 14 d'aquelle mez. A's camaras ficaria, por isso, pouco espaço para deliberar sobre a questão internacional.

O governo não prescinde do addiamento, porque, sendo os tramites normaes excessivamente morosos, é instante a necessidade de prolongar reformas que melhorem sensivelmente o estado financeiro do paiz.

Negocios africanos.—O *Figaro* de 27 do mez findo insere, sob a epigrapha *Inglaterra e Portugal*, um interessante artigo de Jacques St-Cère, em que este distincto escriptor, baseando-se no relatorio dirigido á Companhia de Moçambique pelo engenheiro Llamby, confirma os nossos direitos aos territorios contestados, e protesta, em nome da razão e justiça, contra as violencias dos bandidos da *British South Company*.

Destacamos os seguintes periodos:

«As causas do conflicto entre a Inglaterra e Portugal não teem diminuido nem desapareceram; começou-se a conhecer as origens de todos os conflictos e com grande espanto se vê a maneira selvagem como os inglezes teem procedido! Nunca nenhuma grande nação exerceu com mais rigor o direito do mais forte, contra um pequeno povo que tem a razão a seu lado.

.....

O governo inglez julgará que procedendo da maneira como procede, serve a causa da civilização e a causa do seu paiz?

.....

Os direitos dos portuguezes são indiscutíveis, e, apesar do que possam pensar os agentes da Companhia de que o genro do principe de Galles é director, uma nação europêa não tem o direito de empregar meios tão... inglezes.

.....

Jacques St-Cère refere-se com justa indignação aos maus tratos soffridos pelo engenheiro Llamby, de quem a nacionalidade e a natureza das suas funcções o tornam estranho ás questões politicas, e conclue que Portugal tem por si a opinião publica, arma muito valiosa para combater os argumentos da Força».

Reformas.—Segundo ainda as «Novidades», entre as reformas que o gabinete tem já promptas, está a da administração municipal de Lisboa. Transfere para o estado os serviços de instrucção publica, hygiene e beneficencia, e adopta algumas providencias para corrigir os abusos, a que deu origem a excessiva descentralização da lei de 1885.

Parece que, por isso mesmo, esta reforma terá um periodo de transição, requerido pela necessidade de se installar a nova ordem de coisas, e de se fazer a passagem d'aquelles serviços, não havendo eleições municipaes senão depois de terminado esse periodo. Uma commissão administrativa, composta segundo a futura vereação, mas de nomeação directa do governo, como as duas commissões,

que ultimamente tem funcionado, tomará conta da gerencia do municipio, até se regularisar e assentar definitivamente o novo estado de coisas, para o que será marcado um praso certo, procedendo-se em seguida a eleições, e reentrando a administração do municipio em vida normal.

Egrejas a concurso.— Foi aberto concurso documental para provimento das seguintes egrejas parochiaes:

S. Sebastião de Alfarellos, concelho de Montemor-o-Velho;

S. Pedro dos Arcos e S. Miguel do Bairro, no concelho de Ponte do Lima;

Carnide e S. Pedro da Ericeira, no districto de Lisboa;

Fornos de Macieira Dão, no concelho de Mangualde;

Fronteira, do mesmo concelho;

Peniche (S. Pedro), e Santa Eulalia, de Villa Nova do Carmo, diocese do Porto;

Ferreira Nova e Pereira, diocese de Coimbra.

ADVOCACIA

José Martins Peixoto continúa a advogar no seu escriptorio na rua de D. Frei Caetano Brandão, n.º 80.

N'esta Imprensa faz-se todo o trabalho concernente á arte typographica com a maxima promptidão e modicidade de preços, para o que está competentemente montada.

Acaba de sahir á luz o primeiro volume do

COMPENDIO

DE

THEOLOGIA MORAL

DO

PADRE JOÃO PEDRO GURY, DA COMPANHIA DE JESUS

Revisto pelo auctor e enriquecido com notas de

ANTONIO BALLERINI

DA MESMA COMPANHIA

E PROFESSOR NO COLLEGIO ROMANO

Tradueção portugueza sobre a nona edição latina de Roma, mais correcta e augmentada, principalmente com as respostas ás Vindictas Alfonsianas e respectivamente com as leis patrias e brazileiras, casos reservados pontificios, diocesanos, etc.

PELO PRESBYTERO

JOAQUIM PAES DE SOBRAL

C. H.

Vice-reitor e professor do seminario de Vizeu

Ainda se acceptam assignaturas, por volumes e cadernetas. Todos os pedidos ao editor José Maria d'Almeida—**Vizeu.**

ORAÇÃO A S. JOSÉ

Enriquecida com sete annos e sete quarentenas de indulgencia por Sua Santidade, por cada vez que se rezar no mez de Outubro ou do Rosario, na fórma da Encyclica de 15 d'Agosto de 1889, e com trezentos dias, uma vez em cada dia, durante o resto do anno, por Decreto de 21 de Setembro do mesmo anno de 1889.

PREÇO

Um cento	500 réis
Uma duzia.....	100 »
Cada uma.....	10 »

A' VENDA

Na Imprensa do Collegio de S. Luiz—Largo das Carvalheiras—BRAGA.

ANNUNCIOS

ANNUNCIO

Havendo sido communicado, em correspondencia particular, que nos Estados Unidos do Brazil, falleceu com meios de fortuna o portuguez Francisco Antonio de Souza Paulista que se diz oriundo da cidade de Braga e ter mãe e dous irmãos fóra da cidade, pede-se a qualquer pessoa especialmente aos revd.^{os} Parochos que souberem de seus herdeiros, lh'o participem, podendo obter mais esclarecimentos de Antonio Fernandes Lopes Cabanellas, na rua Nova de Souza n.º 32 em Braga.

ANNUNCIO

Pagamento dos juros do 1.º semestre de 1891 d'obrigações de 4½ p. c.

Principia no dia 1 do proximo mez d'Abril, na agencia do Banco de Portugal n'este districto, o pagamento dos juros das obrigações de 4 e meio p. c. e relativos ao 1.º semestre do corrente anno.

Repartição de Fazenda Districtal de Braga, 31 de Março de 1891.

O Director,

Joaquim Albano Corte Real.

ANTIGA FABRICA DE FUNDIÇÃO DE SINOS

DE

JOÃO FERREIRA LIMA

SUCCESSORES

JOSÉ MARIA REBELLO DA SILVA & COMPANHIA

BRAGA—Rua da Ponte, n.º 6

ESTA fabrica é a mais antiga e acreditada de Portugal, como o atesta a marca **Joannes Ferreira Lima me fecit Bracharæ** nos sinos que tem fundido, uns pelo systema antigo, como o sino grande da Torre dos Clerigos (Porto), etc., outros afinados, como os sinos do Sameiro (Braga), Hospital (Villa Nova de Famalicão), etc., e os **carrilhões** de S. Domingos (Guimarães), de Santa Quiteria (Felgueiras), etc.

Empregam-se os melhores metaes e garante-se a perfeição de trabalho. Com este fim podem os sinos ser examinados antes de sahirem da fabrica por peritos da confiança do comprador, refundindo-se se não estiverem nas condições recommendadas.

PREÇOS

Systema antigo, kilo.....	610 réis
» arratel.....	280 »
Sinos afinados, kilo.....	634 »
» arratel.....	300 »
Sinos velhos (recebem-se a desconto) kilo.....	435 »
» arratel.....	200 »

Tractar qualquer encómenda com José Maria Rebello da Silva ou José Augusto Marques, capitão d'infanteria n.º 8.

TIMPANOS

Vendem-se uns de systema moderno e quasi novos, utilizando com vantagem á pequenas e grandes orquestras.

Quem pretender, deve dirigir-se a E. C. Araujo e Motta largo do Carmo, 104—em Guimarães.

Na mesma casa se vendem tambem musicas sacras, dos melhores auctores portuguezes, e por preços demasiadamente favoraveis.

Agencia de negocios ecclesiasticos

A Agencia de Negocios Ecclesiasticos Manoel Fragoso & Companhia, com o seu cartorio em Braga no Largo do Paço n.º 2, participa aos muito Revd.ºs Parochos do Arcebisado que continua a tratar todos os negocios ecclesiasticos em

Roma, Lisboa, e na Camara Ecclesiastica de Braga com a maxima brevidade e economia, de que ficarão plenamente convencidos, dispensando-lhes a fineza de se utilizarem dos serviços da Agencia. Tambem faz publico que o Snr. Jose Luiz da Silva é socio da Agencia, da qual o Snr. Regueira Bastos deixou de ser empregado.

O Director,

Manuel Fragoso.
DOMINGOS PEREIRA D'AZEVEDO

8—Largo do Paço—9

BRAGA

O annunciante participa aos seus amigos e freguezes, que acaba de receber um variado sortimento de casimiras e outras fazendas, para a presente estação d'inverno, guarda-chuvas e muitos outros artigos, que vende por preços baratissimos.

Encarrega-se de mandar vir de Roma, com promptidão e economia, quaesquer dispensas matrimoniaes, e de tratar todos os negocios dependentes do Paço Archiepiscopal e da Nunciatura.

Igualmente se encarrega de mandar encomendas para os portos do Brazil.

FABRICA DE TECIDOS DE SEDA

E

DE PARAMENTOS PARA EGREJA

DE

Jose Joaquim d'Oliveira

103—Rua do Souto, 105—Braga

N'esta fabrica se tecem, com toda a perfeição e por preços sem competencia, damascos de todas as qualidades proprios para cobertores, cortinados e paramentos d'egreja, lustrina e sedas matizadas a ouro, setim para opas, nobrezas e tafetá.

N'esta mesma casa, que ja por duas vezes recebeu a honrosa visita de toda a familia real portugueza—sendo uma no reinado da senhora D. Maria II em 1852, e outra no do senhor D. Luiz I em 1887—se fazem paramentos proprios para egreja, por preços muito rasoaveis, garantindo-se a perfeição de todas as obras que lhe sejam encommendadas.

CUSTODIO JOSE DA SILVA AMORIM & FILHO
VESTIMENTEIRO

91—RUA DO SOUTO—93

BRAGA

PARTICIPAM aos seus amigos e freguezes que acabam de receber do estrangeiro um sortido de missaes e breviarios romanos, *diurno e totum*, edição MICHLINLÆ e RATISBONÆ.

Na mesma casa se fazem todas as alfaias proprias para egreja, para o que teem um grande e variado sortido de damascos em seda e ouro.

Sortido completo de fazendas proprias para armador.

